

# AS MARCAS DA PRESENÇA DO OUTRO EM TEXTOS ACADÊMICOS

Thayanny Kelinny Vasconcelos de Lima (UFRN/DLET/REUNI/GETED)  
thayannyvasconcelos@hotmail.com

Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN/PPgEL/GETED/GEPPEP)  
sulemifabiano@yahoo.com.br

## 1. Introdução

No nosso discurso, estamos sempre retomando, copiando, reproduzindo ou repetindo o que outras pessoas já falaram. A palavra alheia é um componente inevitável em todo e qualquer discurso. Há a presença de “um outro” nas nossas palavras, sejam estas reconstruídas, transformadas ou modificadas. O que já foi dito por outros – o que chamaremos, nesta pesquisa de “já-dito” - é, sempre, recuperado em um novo ato de enunciação. Para Orlandi (1999), há um já-dito que sustenta todo o dizer. Todo discurso é, na visão de Authier-Revuz (2004), “habitado” por outras palavras. “Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas”. A isso a autora denominou *heterogeneidade discursiva*.

Seguindo a visão de Authier-Revuz (2004), no que diz respeito ao conceito de *heterogeneidade discursiva* - que, para a autora, é a inevitável presença de um discurso alheio no discurso de um sujeito – investigaremos *as marcas da presença do outro*. Ou seja, como evidenciamos as interferências de outros discursos nos dois textos acadêmicos de diferentes pesquisadores em diferentes momentos.

A questão que orienta esse trabalho é: Como diferentes pesquisadores em diferentes momentos se apropriam de determinada teoria em seus textos acadêmicos? Como hipótese de trabalho, postulamos que ao compararmos dois textos produzidos por diferentes pesquisadores podemos evidenciar formas distintas de escrita e mobilização dos mesmos conceitos.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, as marcas da presença do *outro*, ou seja, as formas que o “já-dito” é recuperada em dois textos acadêmicos.

Nossos objetivos específicos são: i) analisar algumas marcas de *heterogeneidade* encontradas em dois textos acadêmicos. ii) verificar como diferentes pesquisadores em diferentes momentos se apropriam de determinada teoria em seus textos.

Tomamos como aporte teórico a Authier-Revuz (2004). Embora o assunto abordado pela autora seja bastante abrangente e a *heterogeneidade* seja um tema de grande preocupação nas pesquisas da área de estudos linguísticos, nos delimitamos a analisar as formas de *heterogeneidade* que *marcam*, no texto, a presença do *outro*. As marcas do *outro* no discurso. Antes da análise, para melhor situar o leitor, discorreremos brevemente sobre o conceito de *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada marcada e não marcada*.

## 1.2 Metodologia

O *corpus* utilizado neste trabalho é composto por duas dissertações de mestrado, uma de 1984 e outra de 2000, disponíveis no portal Domínio Público – CAPES cujos autores serão chamados, respectivamente de P1 e P2. A princípio investigamos nessas teses alguns conceitos de sociolinguística, norma, variação e mudança. Observamos como os pesquisadores P1 e P2 utilizam esses conceitos.

## 2. Fundamentação Teórica

Todo discurso comporta, inevitavelmente, a presença de um *outro*. Na visão de Authier - Revuz (2004), as palavras são “crivadas”, pois todas remetem a outros textos: “As palavras são inevitavelmente ‘carregadas’, ‘ocupadas’, ‘habitadas’, ‘atravessadas’ por discursos”. Authier - Revuz (2004, p. 36). Ou seja, não existe um discurso independente, único ou imparcial. Todo discurso dialoga com outros discursos, “isso porque todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior a aponta para outro.” (ORLANDI 1999, p. 62).

Aquilo que parece o discurso individual de uma pessoa é, na verdade, resultado da construção das relações com o *outro*. Um *outro* que é, também, coletivo. Todo discurso adquire relações intertextuais. Em outras palavras, o discurso do *outro* está profundamente impregnado em todo e qualquer discurso. A isso, Authier-Revuz chama de *heterogeneidade discursiva*. A Heterogeneidade é, na visão da autora, um discurso atravessado por outros discursos.

Authier-Revuz (2004), apoiando-se nas teorias psicanalíticas na releitura de Freud feita por Lacan, e no conceito de dialogismo defendida por Bakhtin, propõe uma teoria de formas de *heterogeneidade discursiva*.

Na visão dessa autora, é possível distinguir dois planos de *heterogeneidade discursiva*. A presença do “outro”, para a autora, pode ser percebida na forma da heterogeneidade constitutiva e da heterogeneidade mostrada. A heterogeneidade constitutiva não é perceptível em termos de marcas visíveis no discurso, indica a presença *constitutiva* de um “já dito” no discurso.

Já a *Heterogeneidade Mostrada* se dá quando temos marcada, em um discurso, a presença do outro. Em outras palavras, é quando as palavras do outro atravessam um determinado discurso, marcando, dessa forma, a sua presença na enunciação. *Heterogeneidade mostrada*, de acordo com as palavras de Authier-Revuz, divide-se em duas formas: *marcada* e *não-marcada*.

Quando temos, em um texto, mecanismos linguísticos capazes de mostrar a presença do outro no discurso, temos o que a Authier-Revuz (2004) chama de heterogeneidade *mostrada marcada* (a que mais nos interessa nesta pesquisa). A autora apresenta alguns marcadores do discurso alheio. Como: as aspas, o itálico, as glosas e palavras que indicam a presença do outro como: “X, como se diz x, para usar as palavras de x, de acordo com a fórmula de x;... dito x; o que x chama de X...” Authier-Revuz (2004, p. 17).

Por outro lado, quando a heterogeneidade mostrada não é explicitamente detectável na língua, ou seja, quando não há linguisticamente marcas do outro no texto, para Authier-Revuz (2004), a *heterogeneidade é mostrada não-marcada*. É o que evidenciamos, como exemplo, no discurso indireto livre, que ocorre quando a voz do outro insere-se no discurso de forma sutil, sem marcas linguísticas.

Como forma de *heterogeneidade mostrada marcada*, formas que podemos evidenciar marcada o lugar ocupado pelo outro no enunciado. Algumas dessas formas que procuraremos verificar, nesta pesquisa: *conotação autonímica* e *discurso relatado: modalizadores em discurso segundo, discurso direto, discurso indireto, ilha*.

Nas palavras de Authier-Revuz (2004), a *conotação autonímica* é “uma forma mais complexa de heterogeneidade”, pois se trata de hesitações, retificações como: “desculpe a expressão”, “se eu posso dizer”, “ou melhor”, “isto é”, “ou melhor”; ou confirmação, ratificação como: “em todos os sentidos da palavra”, “é mesmo isso que quero dizer”. Esse tipo de modalização, sem uma ruptura do discurso, mostra uma determinada expressão como inadequada ou apropriada.

Na *modalização em discurso segundo* o enunciador menciona que não é responsável pelo enunciado, indicando que está se apoiando nas palavras do outro: “X, como diz x, para usar as palavras de x, de acordo com x;... dito por x; o que x chama de X” Authier-Rvuz (2004). Dessa forma, o locutor remete a um outro discurso, faz alusão a um “já-dito”.

Como diz Authier-Revuz, *no discurso direto* há a transcrição exata da voz do outro no discurso. Nesse tipo de discurso, há a exigência de verbos de dizer- indicadores da introdução de um *discurso direto*, na ausência desses verbos cabe ao texto trazer recursos tipográficos - tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha – Esses recursos tem a função demarcar o “já-dito”. Os recursos tipográficos, como aspas, itálico, travessões e dois pontos marcam a voz que aquelas palavras vêm de outro lugar. O *discurso direto* reproduz de forma fiel o “já-dito”. “são as próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata”. Já no *discurso indireto*, “o locutor se comporta como tradutor”, dito por Authier-Revuz. Usando suas próprias palavras, o locutor, fala do mesmo conteúdo citado. A *Ilha*, por sua vez, usando as palavras de Maingueneu (2008), no discurso há isolado em itálico e entre aspas o dizer de um outro. Nesse caso, para Maingueneu (2008), o enunciador emprega e cita o discurso alheio.

Já a forma de *heterogeneidade mostrada não marcada*, podemos perceber o outro no discurso, porém necessita-se de uma maior atenção, pois aparece de uma forma mais sutil, sem fazer uso de marcas que indicam a *heterogeneidade*. Fazem parte desse tipo de discurso os subtendidos, discurso indireto livre e a citação de autoridade. Enfatizando a *citação de autoridade*, por ser uma das formas de citação do outro que observaremos nesta pesquisa, segundo Maingueneau (2008), consiste em uma citação de um enunciado que garante a autenticação do discurso citante.

### 3. Análise

Com o propósito de situarmos o leitor quanto às teses lidas, demonstraremos o quadro teórico-metodológico de P1 e P2.

#### P1:

<b>Objetivo da pesquisa:</b>	Explicar os traços característicos e as formas de representação da norma linguística.
------------------------------	---

#### P2:

<b>Objetivo da pesquisa:</b>	Analisar a variação [ãw]~[õ] em final de vocábulo e investigar o porquê dessa alternância observada na fala da comunidade de Cáceres-MT. (15)
<b>Hipótese da pesquisa:</b>	Duas hipóteses surgiram, a princípio, para explicar esse fenômeno da variação na comunidade de Cáceres- MT. A hipótese de que a variação é uma herança histórica da colonização da comunidade ou de ser um apagamento no ditongo [ãw] (monotongação). (15)
<b>Conceito teórico:</b>	A pesquisa está norteada nos conceitos teóricos de Tarallo (1994), para este, “as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deviam ser) as mesmas que atuam no passado, e vice-versa”. (16)
<b>Metodologia</b>	A análise da variação linguística [ãw]~[õ] na comunidade de Cáceres foi desenvolvida com base na sociolinguística quantitativa laboviana. Para Labov (1969), a regra variável, que considera os padrões regulares do co-variação em relação à frequência de variação sociolinguística, através de uma metodologia de análise multivariada.
<b>Resultado parcial da pesquisa:</b>	O foco quanto ao grau de relevância nesta pesquisa foi à <i>idade, estilo, classe gramatical, origem, sexo, classe social, tonicidade e setor residencial</i> .

Com base no esboço teórico descrito nesta pesquisa segundo os conceitos de Authier-Revuz, é possível analisarmos as marcas da presença do outro nas duas dissertações lidas. Para tanto, selecionamos abaixo alguns trechos dos textos de P1 e P2, a fim de analisarmos como diferentes pesquisadores em diferentes momentos utilizam alguns conceitos de sociolinguística, norma, variação e mudança.

Observaremos os modos como esses pesquisadores utilizam-se do “já-dito” para se apropriar das teorias de sua área de pesquisa.

### **Análise de P1**

Na primeira dissertação de mestrado, de 1984, que chamaremos de P1, examinaremos a primeira referência que o autor faz a Saussure.

Em relação ao modo como a gramática normativa encara a linguagem, a atitude de Saussure é bastante clara:

“Começou-se por fazer o que se chamava de ‘Gramática’. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (54).

Como já vimos, conforme Authier-Revuz (2004), a *heterogeneidade mostrada marcada* na forma do *Discurso Direto*, o locutor marca explicitamente o espaço do outro no seu dizer. O Discurso Direto é a exata reprodução da palavra alheia.

No exemplo citado, na introdução do Discurso Direto no discurso citante, o P1 indica que haverá a presença de um “já dito” ao mencionar qual a atitude de Saussure em relação “ao modo como a gramática normativa encara a linguagem”. Observe:

Em relação ao modo como a gramática normativa encara a linguagem, a atitude de Saussure é bastante clara:

Não há, nesse exemplo, um verbo “dicendi” –verbo introdutor do discurso direto– mas o texto traz recursos gráficos como os dois pontos, as aspas e a mudança de linha.

Evidenciamos a presença da marca tipográfica de “dois pontos” que separa o discurso citante do discurso citado. Examinaremos, ainda no mesmo exemplo as marcas como podemos evidenciar a *heterogeneidade discursiva* proposta por Authier-Revuz (2004):

“Começou-se por fazer o que se chamava de ‘Gramática’. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (54).

As aspas - marca tipográfica que limita o discurso citado - aparecem e sinalizam a negociação de P1 com *um outro*, ou seja com o “já-dito”. Essa marca tipográfica separa o discurso citante do discurso citado, visto que delimitam o espaço de atuação do “já-dito” para produzir o efeito de apenas o que está entre *aspas* é o que já foi dito pelo *outro - no nosso caso*, Saussure – e o restante do dizer pertence P1. O que garante a unidade aparente do discurso.

Analisando o modo como o P1 escolheu para marcar a presença do outro no discurso que, como vimos, foi a exata reprodução do “já-dito”. A isso Authier-Revuz em sua teoria da *heterogeneidade discursiva* denomina de *Discurso Direto* e Maingueneau (2008) classifica como uma forma de *heterogeneidade mostrada marcada*.

Na tentativa de responder o porquê da escolha de retomar ao que já foi dito com um *Discurso Direto*, observamos que alguns dos motivos de um autor escolher marcar a presença de um “já-dito” com o *Discurso Direto* são: *Distanciar-se*, ou seja, não se comprometer com o que foi dito, dessa forma, ele reproduz de forma exata as palavras do outro; ou, segundo Maingueneau (2008), o autor se comporta como um simples “porta-voz” para criar *autenticidade* em seu discurso, dessa forma ele indica que as palavras usadas são o próprio dizer do *outro*.

Há no próximo exemplo outro modo do que foi dito por Saussure, em P1 é o que Maingueneau (2008) descreve como sendo uma *Ilha*. Vejamos:

O próprio Saussure procede normativamente quando dicotomiza a linguagem em língua e fala, e toma a língua como norma “de todas as outras manifestações da linguagem” (55)

É possível observarmos que o P1 isolou entre aspas e em negrito um fragmento do texto e, ao mesmo tempo, ele emprega e cita. Não há sintaticamente marcas de uma introdução de outra fala. Essa forma de marcar a presença do outro, para Maingueneau (2008), trata-se de uma forma híbrida, pois tem as características de um *Discurso Indireto Livre*, porém é marcado tipograficamente com as aspas e/ou itálico, no nosso caso, negrito.

## **Análise de P2**

Analisaremos a dissertação de 2000, a qual denominamos nesta pesquisa de P2, a fim de investigamos qual o *modo* que o dizer de Saussure é evidenciado. Destacamos de P2 a seguinte citação:

São várias as formas de definir os estudos da evolução da língua. De acordo com Saussure (1973) a Língua não constitui uma função do falante, como o produto que o indivíduo registra passivamente, e ao distinguir o caráter individual correspondente a fala e ao caráter social correspondente a língua, estabelece que a língua é parte social da linguagem exterior ao indivíduo, e que esta é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala a conserva, contanto que compreenda os signos que ouve.

Como podemos perceber, o texto acima foi construído a partir de um outro discurso. Há, aqui o que podemos identificar como sendo uma *modalização em discurso segundo*. Como já foi mencionado na fundamentação teórica, no *discurso segundo* o enunciador

menciona que não é responsável pelo enunciado, indicando que está se apoiando nas palavras do outro. Authier (2004) demonstra o *discurso segundo* da seguinte forma: “X, como diz x, para usar as palavras de x, de acordo com x;... dito por x; o que x chama de X”.

Diferente do discurso direto, no discurso segundo, o locutor fala com suas próprias palavras o que já foi dito pelo “outro”.

#### **4. Resultado Parcial Da Pesquisa**

Diante da análise que foi exposta nesta pesquisa, pudemos evidenciar três modos de se reproduzir o discurso do outro. De marcar, no discurso, o “já-dito”. Observamos que P1 optou por utilizar o discurso direto e a ilha enquanto que o P2 inseriu o discurso do “outro” na forma da modalização em discurso segundo.

Como foi possível destacar, na primeira forma – discurso direto – o autor reproduz, para Authier-Revuz (2004), de forma fiel o “já-dito”. Trata-se de uma encenação que tem, em boa parte das vezes, além de contribuir para o distanciamento do que está escrito, a intenção de criar um efeito de autenticidade no discurso.

Também foi possível percebermos que P2 utilizou-se de outra maneira para atribuir ao outro a responsabilidade pelo que está sendo dito. A modalização, como foi visto, o enunciador mostra - de modo mais simples e mais sutil que a forma do, já visto, discurso direto - que não é responsável pelo enunciado. Ele indica que está se apoiando em outro discurso, por meio de modalizadores em discurso segundo.

Ao atribuir a transcrição a outra pessoa, uma maneira de, além de não ser responsabilizado perante o leitor pelo que está sendo dito, dar autoridade no que se está sendo dito.

Pontuamos, nesta pesquisa, que o discurso não é único, inédito ou original. Um discurso sempre remete a outros discursos. Sempre retoma o que já foi dito por outros.

Convém, ainda, ressaltar que, como disse Authier-Revuz (2004) “*As palavras são, sempre e inevitavelmente, ‘as palavras’ dos outros*”, como vimos neste estudo, o que diferencia um pesquisador de uma tese do outro é a forma como esse insere o que já foi dito em seu discurso.

## **5. Referências Bibliográficas**

AUTHIER-REVUZ, J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MAINGUENEAU D. Novas tendências em análise do discurso. Tradução de Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Viera de Moraes. Campinas, Sp: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed, 1997.

MAINGUENEAU D. Análise de textos de comunicação. Tradução de Cecília P. De Souza-e-Silva, Dércio Rocha. – 5ª ed.- São Paulo: Cortez: 2008

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos/ Eni P. Orlandi.—Campinas, SP: Pontes, 1999.